

JANELA PARA O MAR

Não foram poucos os poetas que cultivaram o tema do mar na literatura de língua portuguesa: Camões, Pessoa, Castro Alves, Vicente de Carvalho, Sophia de Mello Breyner Andresen, Cecília Meireles, Jorge de Lima e alguns mais. Seja épica ou lírica, filosófica ou de cunho social, coloquial ou intimista, esta celebração, não raro epifânica, guarda estreitas relações com o fato de que Brasil e Portugal são países atlânticos e desempenharam papel de relevo na época dos grandes descobrimentos. Por isso mesmo, o mar está em nós, em nossas veias, em nossas almas, em nossa história, dentro de uma dimensão do tempo que não cabe na cronologia dos calendários. Penso até que só um poeta de nosso idioma poderia ter escrito: “Ah, todo cais é uma saudade de pedra!”, como o fez Pessoa em sua “Ode marítima”.

Assim, volta e meia, um de nossos poetas retorna àquele tema ancestral. E este é o caso do catarinense Alcides Buss em *Janela para o mar*, onde ao fundo intimismo dos versos, amiúde breves e concisos, se misturam certa indagação metafísica e uma indisfarçada preocupação ontológica, como se pode ver, entre outros, nos poemas “Inquietação”, “A concha do ser”, “Maresia”, “Metafísica das ondas” ou “Escritas do mar”. Buss é poeta de linguagem simples e direta, alheio aos *feux d’artifice* que deitaram a perder considerável número de poetas contemporâneos de inegável talento, mas que se deixaram seduzir pelos contorcionismos verbais de uma linguagem que julgavam vanguardista, e que era apenas autofágica e epigônica.

Buss é, acima de tudo, um lírico, mas um lírico que não se esgota no lirismo estrito e autocomplacente do subjetivismo pessoal. Há nele, além de uma adesão autêntica e orgânica ao tema que elegeu, uma viva preocupação por aquilo que entendemos como o mistério da existência, esse mistério de que o mar, com suas profundezas abissais, é mensageiro privilegiado. Seus poemas não se perdem na estridência de nenhuma retórica da ostentação. Apenas nos falam, muita vez em surdina, da glória e da miséria da condição humana. E do insolúvel enigma da vida, que, como nos lembra Aníbal Machado em um de seus memoráveis poemas em prosa, “é servida e ninguém quer”. Este, sem dúvida, constitui um dos segredos mais secretos da poesia de Alcides Buss. Cumpra a ti, leitor, degustá-lo.

Ivan Junqueira

(Crítico literário, tradutor e poeta, da Academia Brasileira de Letras)